

tempos⁶²⁷. Em Jesus Cristo, a vida ensombrada pelo pecado e pela morte não se perdeu mas refluuiu, realizando a divinização da humanidade⁶²⁸ e a reintegração das almas e dos mundos decaídos no Amor e na Harmonia originária, aniquilando a realidade fragmentária atual, aumentando o que neles há de vida e eliminando de forma integral o que neles há de Morte: «Cristo é redenção: é, pois, o encerrar do voo das almas no puro amor de Deus, o termo da queda dos mundos físicos no aniquilamento numa espiritualização integral»⁶²⁹.

Na interação entre a presença da Graça, enviada após a ressurreição de Cristo, e o esforço da consciência moral, em contrapor à dispersão e hostilidade do Mal a realização do Bem e da Justiça, a alma pode exceder-se em capacidade teleológica, e, dessa maneira, começar a construir na terra as delícias do céu, prefigurando nas circunstâncias terrenas da sua vida temporal o resultado da força espiritual criadora da saudosa realidade paradisíaca da Origem, que esperamos tudo recapitulará no futuro escatológico da Glória do Fim dos Tempos. Leonardo Coimbra crê na capacidade dos extraordinários excessos da vida moral humana: «Há, sim, um infinito moral para o qual se pode esforçar a consciência e onde, permanentemente e sempre, pode beber a energia, que em contínuo excesso a erga e sublime»⁶³⁰. Na glória de Cristo toda a realidade é transfigurada readquirindo a sua perfeição original:

Antes de Cristo: o homem e o pecado, o homem e a virtude por si inoperante para além de cada e de todas as almas. // Cristo: o homem e a graça, o homem e a natureza capazes de harmonia, readquirida inocência e acordo – a própria matéria penetrável, até à medula do seu ser – ser que foi criado, e não é, pois, pura dispersão – pelas intenções benévolas das vontades amantes. // Depois de Cristo: o homem e o seu esforço, a semente do mérito germinando em glória e eternidade no seio da terra, no âmago do sensível e do múltiplo, transfigurando as almas e os mundos até à beatitude numa contemplação eficiente, até à harmonia das novas terras e dos novos céus.⁶³¹

6.2. A saudade enquanto conhecimento por conaturalidade e manifestação do Amor de Deus em António Dias de Magalhães

⁶²⁷ Cf. Rom 8, 30; Flp 3, 21.

⁶²⁸ Cf. Leonardo Coimbra, *Jesus*, in *Obras Completas*, vol. V, tomo I, p. 262 [25].

⁶²⁹ *Ibidem*, p. 265 [33].

⁶³⁰ *Idem*, «O problema do milagre», in *Obras Completas*, vol. II, p. 133.

⁶³¹ *idem*, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, in *Obras Completas*, vol. VII, pp. 38 [24].

6.2.1. O sentimento da saudade permite o acesso a que dimensões da realidade?

A saudade é um sentimento que é memória ôntica e manifestativa do Ser e é revelação do espírito. A que regiões da realidade este sentimento nos permite aceder? Que dimensões do ser são manifestas no sentimento da saudade? Em que consiste a manifestação da realidade na forma reflexa e simbólica da saudade?

O ser humano está aberto à realidade nos modos fundamentais de sentimento, intelecção e volição. Não se tratam de ações distintas e sucessivas, mas sim de momentos de uma única e primordial ação, havendo uma correlação entre sentir, conhecer e deliberar⁶³². No entanto, há uma intencionalidade específica do sentimento, que não visa a objetividade da análise lógico-científica⁶³³, mas revela a peculiaridade da radicação antepredicativa e pré-reflexiva da existência humana no Ser⁶³⁴.

Enquanto característica fundamental da sua existência, o sentimento revela simultaneamente o modo como o homem é afetado, no sentido de estar triste ou alegre, angustiado ou enamorado, e revela a abertura ao todo da realidade enquanto tal. Para além da manifestação da saudade concreta, relativa à pessoa amada, à família, à terra ou a qualquer objeto, também há o nível da saudade ontológica, em que o sujeito, remetido ao mais fundo de si mesmo, sente-se confrontado com a incomunicável, radical e irrestrita *abertura ao Absoluto*⁶³⁵.

Para além da ordem antropológica e psicológica em que a saudade é referida no plano imanente, ao nível categorial do desejo de possuir os seres que se vão perdendo no mundo, devemos considerar a ordem do plano metafísico-religioso, em que, como refere Leonardo Coimbra, a saudade encerra um alcance ontológico e transcendente, no sentido da lembrança da Pátria divina com o desejo de regresso⁶³⁶.

Neste segundo plano, a saudade não apela apenas para o tempo e não se refere só à memória subjetiva de uma realidade objetiva exterior querida e amada, mas apela para o sentido reflexo do ser e refere-se ao carácter

⁶³² Cf. Andrés Torres Queiruga, *Para unha Filosofía da Saudade*, Ourense, Publicacións da Fundación Otero Pedrayo, Editorial Galaxia, S.A., 2003, p. 31.

⁶³³ Cf. Ramón Piñeiro, *Filosofía da saudade*, Vigo, Galaxia, 1984, p. 30.

⁶³⁴ Cf. Paul Ricoeur, *Finitude et culpabilité. I L'Homme faillible*, Paris, Aubier, 1960, p. 101.

⁶³⁵ Cf. Andrés Torres Queiruga, *Para unha Filosofía da Saudade*, p. 63.

⁶³⁶ Cf. Leonardo Coimbra, «Sobre a Saudade», in *Obras Completa*, vol. V, tomo II, Lisboa, INCM, 2009, p. 327.

espiritual do próprio ser em si no dinamismo simbólico do seu desdobramento manifestativo e plenificador.

Neste sentido, Pinharanda Gomes defende que a saudade é o que tem *suidade*, é o que se é, ou seja, é o ato de manifestação do ser pelo qual o eu a si mesmo se conhece no dinamismo dialético e dialógico da alteridade: «Então, saudade é o que resta, à parcela, do saber do todo; é o que à multiplicidade resta da participação na unidade; é o que o limitado sabe do ilimitado, o que a origem sabe do princípio, o que a existência sabe da essência»⁶³⁷. Só Deus não tem suidade, só Deus não é saudoso⁶³⁸.

Mas neste plano ontológico a saudade também pode ser concebida, não no sentido negativo de contingência, de privação e de *deficiência*, mas como sublinha Manuel Cândido Pimentel, no sentido positivo de *eficiência* na realidade infinita da eterna reciprocidade do uno e do múltiplo, do incriado e do criado. Neste sentido é concebida a saudade em Deus como ação dinâmica de irrestrita criação, por superabundância de Amor, e de perene convocação dos seres ao convívio fraternal. Como bem enuncia o filósofo açoriano, a saudade em Deus consiste no desejo de permanência da relação do ser divino com os seres criados no eterno amor que a origina e sustenta: «No infinito, a saudade mantém perpétuos os vínculos amorosos; possui o saber da unidade que preserva a alteridade, porque a quer eternamente»⁶³⁹.

Neste sentido, a reflexão filosófica acerca da noção de saudade exige uma tematização metafísica na sua estrutura triádica de *teoria do conhecimento*, *ontologia* e *teologia filosófica*. Num primeiro momento iremos identificar a partir da antropologia a dimensão cognitiva e doadora de sentido da experiência saudosa no âmbito mais vasto da racionalidade do real, num segundo momento procuraremos explicitar os elementos da sua radicação ontológica como própria de todo o ser na ação da sua manifestação amorosa, e num terceiro momento enunciaremos o sentido da sua revelação no âmbito da relação religiosa entre Deus, o homem e o mundo. De uma fenomenologia da saudade a uma teologia da saudade.

6.2.2. A razão saudosa enquanto conhecimento por conaturalidade do Ser de Deus

O drama do homem reside na experiência da sua imperfeição e finitude e na ignorância sobre o seu destino e o destino do Universo. A essência da sua natureza é a procura do Absoluto, tateando nas trevas do sofrimento e da morte a luz entrevista da felicidade e da imortalidade. Poderá a compreensão

⁶³⁷ Jesué Pinharanda Gomes, «Saudade e Ser», in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, Lisboa, INCM, 1986, pp. 376.

⁶³⁸ Cf. *idem*, «Saudade do mesmo e do outro», in *op. cit.*, p. 394.

⁶³⁹ Cf. Manuel Cândido Pimentel, «Da Saudade em Deus», in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, tomo 34 (2004), p. 92.

acerca do sentimento de saudade ajudar-nos à inteligibilidade do agónico afã de imortalidade experimentado pelos homens:⁶⁴⁰

No projeto da sua auto-realização, o homem procura o bem em geral e tem a felicidade como necessário horizonte. A procura da felicidade constitui o motor último da sua ação. Por isso, há uma constitutiva inadequação do homem consigo mesmo, pois nenhuma fruição o pode satisfazer plenamente. Há uma remissão do homem à totalidade sempre inabarcável do real, que é uma simultânea abertura à possibilidade de ser feliz e à inexorável possibilidade de ser infeliz.

Nos instantes efémeros da beleza, do bem e da verdade faz a experiência prefiguradora de uma vida paradisíaca que parece presente na ausência e não se consegue delimitar. Vive a constante saudade desses instantes de amorosa comunhão cósmica e deseja que o regresso a essa harmonia vaga e efémera adquira uma forma nítida e duradoura. O drama transforma-se muitas vezes em tragédia, quando a sua experiência humanizadora de se possuir em consciência e liberdade não se traduz no reconhecimento de que a sua essência é aceitar-se como dádiva de uma vida de integral dependência de Deus criador e amante, que tem como fim a consumação do mundo na sua beleza eterna e a plenificação da pessoa na fraternidade universal. Mas o caminho pode ser longo e árduo no reconhecimento dessa Relação redentora e divinizadora.

Enquanto participantes do ser infinito, ilimitado e subsistente, os seres humanos, na sua condição existencial finita de relação com os outros seres, fazem a experiência atemática desse Fundamento. Fazem a afirmação vaga de uma infinitude indeterminada da qual se desconhece ainda o carácter espiritual e pessoal. Como diz São Tomás de Aquino, trata-se de um conhecimento geral, primordial e implícito do divino⁶⁴¹, mas que está destinado a evoluir para o conhecimento de um sujeito absoluto, pessoal e criador, que com a sua Providência orienta a História dos seres humanos, e depois para o conhecimento de um Tu que se venera e confiadamente invoca⁶⁴².

Nesse sentido, considera o filósofo cristão medieval que esse conhecimento comum e obscuro, que define como um conhecimento por inclinação ou conaturalidade⁶⁴³ é ainda insuficiente para que o homem atinja a felicidade plena⁶⁴⁴. É necessária uma demonstração racional que explique aquele saber de conaturalidade e permita alcançar um conhecimento mais seguro, determinado e objetivo, deduzindo por analogia as perfeições da Causa primeira, entre as quais o seu carácter pessoal. O sentimento atemático do divino é por natureza obscuro e resistente à clarificação e para se articular na sua unidade

⁶⁴⁰ Cf. Miguel de Unamuno, Miguel de Unamuno, *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, Buenos Aires, Espasa – Calpe Argentina, 1945, p. 46.

⁶⁴¹ Cf. Tomás de Aquino, *De Veritate*, q. 22, a. 2, ad 1.

⁶⁴² Cf. *idem*, *Summa Contra Gentiles* III, c. 54.

⁶⁴³ Cf. *idem*, *Summa Theologica* II-II, 45, a.2.

⁶⁴⁴ Cf. *idem*, *Summa Contra Gentiles* III, c. 38.

exige a clarificação objetivante da racionalidade. Reconhecemos hoje, no entanto, que este momento atemático da experiência sentimental da realidade não tem apenas uma função instrumental visando a sua superação, mas encerra uma radicalidade essencial na medida em que, em vez de *separar*, como faz o conhecimento objetivo lógico-racional, *une*, manifestando a nossa pertença ao objeto e ao fundamento da realidade que é Deus. O sentimento contribui para o enriquecimento do conhecimento, na medida em que revela a nossa afinidade e a nossa harmonia com a realidade.

De acordo com Tomás de Aquino, a aspiração para Deus, implícita em todos os seres, manifesta-se explicitamente no homem, que criado à imagem e semelhança de Deus, é pela sua natureza intelectual *capax Dei*, capaz de conhecer e amar a Deus⁶⁴⁵. Só em Deus o homem encontra a sua realização plena, porque só Ele, enquanto infinita bondade, pode cumular inteiramente a sua aspiração da felicidade⁶⁴⁶ e a sua saudade da harmonia plena, experimentada parcialmente em tantos momentos da vida e sempre perdida no movimento devorador da História. Um conhecimento que, no nosso entender, não é de perfeita adequação com a essência divina, porque Deus transcende a nossa capacidade de o apreender, não no sentido negativo de enigma, mas no sentido de superabundância e excesso. Recorrendo à linguagem paradoxal do verbo transpredicativo, podemos dizer que o sentimento desta experiência revela-nos um Deus que está presente no mundo e no homem no mistério da sua ausência e na imanência da sua transcendência.

A saudade humana da harmonia amorosa ou o desejo de felicidade, que equivale a desejar ultimamente o próprio Deus, deve-se ao facto da criatura ter inscrita na sua natureza a lei divina ou eterna que a conduz para o seu fim. A criação encerra uma misteriosa Direção de ascendente desenvolvimento que culminará na plenitude da consumação universal. Enquanto as criaturas irracionais realizam inconscientemente a sua atividade numa obediência passiva e natural, as criaturas racionais e inteligentes refletem a lei eterna na medida em que podem conhecer o seu fim e agir livre e conscientemente. Para Tomás de Aquino, a lei divina inscrita no coração do homem e os seus princípios supremos de fazer o bem e evitar o mal constituem o hábito da razão⁶⁴⁷.

Para Jacques Maritain esta lei natural ou moral existe enquanto ordem ideal no ser de cada homem, mas o seu conhecimento está sujeito ao movimento da História e é sempre imperfeito. Para o filósofo francês, o conhecimento desta lei ontológica do amor não se dá de maneira abstrata e teórica pela via conceptual, mas dá-se por inclinação ou por conaturalidade, por isso, há um progresso no modo como a razão tem tomado consciência cada

⁶⁴⁵ Cf. *idem*, *Summa Theologica* I, q.93, a. 4.

⁶⁴⁶ Cf. *ibidem*, *Summa Theologica* I-II, q.3, a. 1.

⁶⁴⁷ Cf. *ibidem*, *Summa Theologica* I-II, q.90-108.

vez menos crepuscular e rudimentar das suas regras primordiais⁶⁴⁸. Contrariando a perspectiva do positivismo jurídico em conceber uma lei natural descoberta através da dedução racional privada da dimensão histórica, Maritain considera que o conhecimento desta lei natural, que participa da lei divina eterna que governa o Universo, vai-se dando na condição temporal e cultural do homem.

Neste conhecimento por conaturalidade, o intelecto não age sozinho, mas conjuntamente com as inclinações afetivas e as disposições da vontade, encerrando uma certa obscuridade que o autor remete para o plano do inconsciente espiritual ou pré-consciente⁶⁴⁹, do qual nasce o conhecimento por *conaturalidade afetiva*, que é do tipo prático e ético⁶⁵⁰, por *conaturalidade intelectual*, devida ao *habitus* próprio do especulativo e do sábio e que progride com o desenvolvimento da inteligência⁶⁵¹, o conhecimento *poético* ou por *criação*, em que se despertam as profundidades criadoras do sujeito⁶⁵² e ainda o conhecimento místico natural e sobrenatural⁶⁵³. O sentimento da saudade é da ordem da afetividade e do amor, embora a sua inteligibilidade exija o recurso à razão mistérica e a sua comunicação exija o recurso ao labor da razão poética, pois o momento pré-predicativo da experiência atemática do Mistério apenas pode ser verbalizado, sem se desvanecer, pela mediação transpredicativa da linguagem analógica e metafórica⁶⁵⁴.

Importa esclarecer que embora estas inclinações tenham algo em comum com o plano vital e instintivo dos animais, em que também se insere o homem, são inclinações essencialmente humanas e como tal situam-se no plano do sentimento e são permeadas pela razão, desenvolvendo-se no decurso da história e da cultura. Há uma progressiva revelação da natureza no decurso da História, que se traduz no progresso da consciência moral e que não pode deixar de estar ligado à organização das estruturas sociais e ao desenvolvimento tecnológico que resultam das escolhas do homem no caminho da sua realização⁶⁵⁵. A vinculação com a realidade incondicional de Deus que fundamenta todas as criaturas tem a forma vivencial e intencional da saudade, revelando o seu carácter afetivo e amoroso. Na intencionalidade afetiva, vinculativa e participativa da saudade, abre-se um acesso específico ao Ser, que pode parecer irreal, se medido apenas com o critério da objetividade e

⁶⁴⁸ Cf. Jacques Maritain, *L'home et l'Etat*, Paris, 1953, pp. 86-87.

⁶⁴⁹ Cf. *idem*, *L'intuition créatrice, dans l'art e la poésie*, Paris, Desclée De Brouwer, 1966, p. 217.

⁶⁵⁰ Cf. *idem*, *Quatre essais sur l'esprit dans sa condition charnelle*, Paris, Desclée de Brouwer, 1939, pp. 128-129.

⁶⁵¹ Cf. *ibidem*, p. 29.

⁶⁵² Cf. *ibidem*, p. 135.

⁶⁵³ Cf. *ibidem*, p. 136-137.

⁶⁵⁴ Cf. José Enes, *À Porta do Ser: Ensaio sobre a Justificação do Juízo de Percepção Externa em S. Tomás de Aquino*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, p. 45.

⁶⁵⁵ Cf. Jacques Maritain, *Pour une philosophie de l'histoire*, Paris, Editions du Seuil, 1957, p. 121.

representação cognoscitiva, e que se refere a um saber obscuro, mas vivo e carnal anterior ao jogo dos conceitos e das ideias, o qual se traduz historicamente nas manifestações culturais e sociais da moral, da arte e da religião.

A saudade, enquanto desejo de posse do amor pleno que é inteira verdade e absoluta beleza, pertence, assim, ao plano da experiência antepredicativa do ser, em que o divino se manifesta à alma humana de forma pré-tética, antecedendo o plano explícito do discurso lógico-analítico. De acordo com Tomás de Aquino este conhecimento não pertence à inquirição da razão, que consta do saber de virtude intelectual, mas pertence à relação de conaturalidade com a realidade e que no caso da realidade divina consta da sabedoria enquanto dom do Espírito Santo⁶⁵⁶. Leonardo Coimbra recorre a esta terminologia para caracterizar o conhecimento de quem faz a experiência da presença ausente do Mistério, um saber que não é de compreensão judicativa pelo perfeito uso da razão, mas de experiência e de simpatia que resulta da relação de amor que une o homem a Deus:

(...) o cristão procura na penumbra, mergulha num oceano insondável, mas sabe que não há trevas indefectíveis e tem ainda a certeza de que entre a sua alma purificada, entre o seu espírito e Deus, existe uma profunda ligação, uma integral dependência, um como contacto na penumbra, um conhecimento de conaturalidade.⁶⁵⁷

6.2.3. A saudade como experiência espiritual da contingência no nível ôntico-psicológico de cognição por conaturalidade que é voz do amor entre Deus e o homem

A saudade é concebida por autores, como António Dias de Magalhães, como o sentimento da experiência espiritual do ser contingente, no sentido de saudade da plenitude do Ser: «O estado saudoso é o sentimento espiritual do ser contingente, a revelação, no mais profundo nível ôntico-psicológico de cognição por co-naturalidade, do que, no nível cognitivo da abstração racional e metafísica, definimos contingência»⁶⁵⁸. Neste sentido a saudade parece situar-se mais no contexto de uma metafísica da redenção, que supõe uma cisão ou uma degradação no Ser ou na relação pré-existente dos seres com o Ser, das criaturas com o Criador, que é preciso inverter pelo regresso à unidade originária ou à comunhão perdida, e não tanto no contexto de uma metafísica da criação e da manifestação, que supõe um perene movimento de

⁶⁵⁶ Cf. Tomás de Aquino, *Summa Theologica* II-II, 45, a.2.

⁶⁵⁷ Leonardo Coimbra, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1935, in *Obras Completas*, vol. VII, Lisboa, INCM, 2012, p. 57 [52].

⁶⁵⁸ António Dias de Magalhães, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, p. 266.

ascensão e desenvolvimento do Ser e tem na saudade uma das formas comunicativas dessa plenificação.

O filósofo jesuíta não aceita a noção de saudade associada à noção de reminiscência platônica e à noção de regresso ao estado originário pré-existente de relação harmoniosa das almas ou das consciências com a Consciência divina, como acontece na metafísica de Leonardo Coimbra, que considera a saudade como a lembrança da pátria celeste ou divina com o desejo de regresso⁶⁵⁹, mas associa a saudade à aspiração ou desejo da união do ser espiritual limitado ao Espírito infinito e ilimitado⁶⁶⁰.

A teoria da saudade tem este mérito de inserir a reflexão filosófica na original vivência existencial de ordem espiritual e sentimental no entrecruzamento entre espírito e matéria, promovendo uma visão que abrange o temporal e o eterno, o imanente e o transcendente e não se fecha no desespero e angústia, náusea e absurdo⁶⁶¹. A metafísica da saudade afasta-se de uma reflexão antinômica puramente abstrata e conceptual e procura atender ao centro vital da consciência a partir do qual é possível aceder aos elementos da criação espiritual. Nesta medida, o filósofo jesuíta invoca a noção aristotélica de ser como energia, que é apreendido na própria vivência anímica, e invoca a noção tomista de conhecimento por conaturalidade, que é o conhecimento do espírito em nascente, distinto e não redutível ao conhecimento da especulação abstrata, para defender que a saudade deve ser compreendida neste âmbito em relação com a teoria do ato e da potência e em relação com a distinção entre essência e existência:

Na linha da co-naturalidade – na ordem do conhecimento afetivo – a saudade aparecerá na reflexão como a voz do amor que une o espírito humano ao Espírito divino e a quanto no mundo real ou possível há de espiritualmente solidário e fraterno.⁶⁶²

O ser pleno e incondicional na radicalidade do seu Mistério espiritual não se revela por via da razão pura e do processo de abstração, mas sim na *Experiência* que é a unidade da razão, sentimento e ação e que tem no conhecimento implícito afetivo uma das suas manifestações⁶⁶³. O Ser Absoluto ou Incondicionado resiste às tentativas de integral objetivação e circunscrição do pensamento conceptual científico e metafísico e, por isso, a experiência

⁶⁵⁹ Cf. Leonardo Coimbra, «Sobre a Saudade», in *Obras Completa*, vol. V, tomo II, pp. 327; 335.

⁶⁶⁰ Cf. António Dias de Magalhães, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, p. 267.

⁶⁶¹ Cf. *ibidem*, pp. 267-268.

⁶⁶² Cf. *ibidem*, p. 270.

⁶⁶³ Cf. Joaquim de Sousa Teixeira, «Teologia Filosófica e experiência transcendental», in AA. VV., *Os Longos Caminhos do Ser, Estudos dedicados ao Prof. Doutor Manuel Barbosa da Costa Freitas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2003, p. 689.

concreta que dele fazemos é atemática e implícita. Como diz Joaquim Teixeira, Deus não se confunde com o objeto temático de qualquer experiência sensível ou racional. Não existe nenhuma experiência explícita de Deus. Nesse sentido, afirma que Deus é trans-conceptual e, por isso, «o conceito transcendental de ser não representa Deus, nem com ele se confunde, mas indica-O. Mais que um conceito de Deus, o ser e os outros transcendentais que a ele “materialmente” se convertem são uma perspectiva para Deus»⁶⁶⁴.

A saudade é o modo dessa experiência radical atemática, em que a consciência se dispõe a receber o que do ser se mostra ou se apresenta em sua ocultação e nessa via de pura gratuidade o Ser absoluto se revela como amor. A experiência saudosa, que nos permite apreender a nossa existência na sua essência espiritual, é prévia a qualquer construção filosófica e nessa condição ilimitada de indefinidas possibilidades, que aspira à realização plena sem cisões e degradações temporais, é testemunho de transcendência. A condição vaga, indefinível e misteriosa da experiência pré-predicativa revela a inadequação entre o pensar e o ser e a insatisfação da consciência que aspira à harmonia perfeita e à plenitude do bem, da beleza e da verdade. Esta tensão vital entre ausência e presença do espírito atuante que presentifica a ação pura e total do mundo divino da imortalidade e da glorificação configura-se na conciliação entre o pensamento poético do imaginário vital e o pensamento filosófico de relação formal e reflexão totalizante⁶⁶⁵, que tem na analogia a forma de evitar o panteísmo, por um lado, e a equivocidade absoluta, por outro lado.

Uma vez que somos seres finitos e contingentes, a intuição do mistério divino da Origem, que se dá na experiência da saudade em contacto de penumbra ou conhecimento de conaturalidade, só é possível por analogia e, no entanto não garante o conhecimento da essência de Deus nem a prova irrefutável da sua existência. Tomás de Aquino defende que o nosso conhecimento do fundamento eterno resulta de termos dentro de nós uma luz intelectual que é uma participação criada da luz eterna e incriada⁶⁶⁶. Embora o ser seja conhecido por conaturalidade na graça do Espírito divino, embora os nossos intelectos sejam participações criadas da luz incriada, ainda assim, não existe um argumento ontológico válido para provar a existência de Deus, porque esse conhecimento não é ainda em ato, mas em potência absoluta⁶⁶⁷.

Para o tomista António Dias de Magalhães o sentimento da saudade é ao mesmo tempo o mais universal e indefinível, o mais concreto e vivo e o menos capaz de formulação abstrata, pelo que se trata de uma experiência que não se pode traduzir por um discurso conceptual. É uma experiência

⁶⁶⁴ Cf. *ibidem*, p. 690.

⁶⁶⁵ Cf. António Dias de Magalhães, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, p. 272.

⁶⁶⁶ Cf. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, I, q. 84, art. 5.

⁶⁶⁷ Cf. *ibidem*, I, q.2, art.1.

atemática que só pode ser penetrada pela razão misteriosa e apenas se pode tornar explícita pela linguagem poética, numa dinâmica que para o autor revela o sofrimento de um eu que não se possui totalmente e depende da doação do Ser: «O sentimento da Saudade ao mesmo tempo é sentimento de ser e não ser: de ser, porque nos sentimos sendo na saudade, de não ser, porque não nos sentimos Ser totalmente, em plenitude»⁶⁶⁸. Neste sentido, a saudade, mais que sentir falta de alguma coisa exterior, revela a incompletude do sujeito, ou seja, revela a ausência do Ser, a privação de uma perfeição que lhe é devida, pelo que «Sentir-se plenamente Ser e saudoso implicaria contradição»⁶⁶⁹.

6.2.4. A saudade como manifestação da Relação amorosa do Ser divino

Ao contrário desta noção de associar o sentimento da saudade à condição de contingência e privação da plenitude de Ser, Leonardo Coimbra associa a saudade também à condição da vida glorificada por Deus, no reconhecimento de que os homens nunca serão Deus e a visão do divino por parte das consciências aumentará nelas o desejo de amor: «(...) suprimir no corpo as opacidades, isto é, glorificá-lo, é só possível a Deus e ainda não suprimiria a Saudade, porque sendo Deus infinito a sua visão aumentará nas almas a ansiedade da posse e do amor»⁶⁷⁰. Como referimos anteriormente, também Manuel Cândido Pimentel defende esta posição da existência de saudade na vida da pátria celestial, não apenas na alteridade das consciências ou almas imortais e na relação gloriosa das criaturas com o Criador, mas no próprio ser de Deus, que pela sua vontade deseja que as criaturas se mantenham na Unidade do seu Amor e, por isso, veio em seu socorro na Encarnação. Assim, de forma analógica com o desejo saudoso humano, podemos dizer que há um ato de saudade em Deus⁶⁷¹.

Mas a Criação e a Encarnação não resultam de um impulso saudoso, enquanto força necessitante do Amor Incriado, que carece do outro de Si para plenamente ser, mas resultam da ação misericordiosa e super-abundante do Amor divino, que na excedência gratuita de Si mesmo tudo cria livremente para a sua Glória. Porque o Amor divino é pleno e não deficiente, a Criação é por excesso de amor e não por carência do outro para plenamente ser. As saudades que se fundamentam na Saudade não derivam de uma cisão nesta, mas são constitutivas do carácter relacional da sua essência. Nesse sentido, Manuel Cândido Pimentel estabelece uma distinção entre a *saudade insatisfeita*

⁶⁶⁸ Cf. António Dias de Magalhães, «Metafísica e Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, p. 275.

⁶⁶⁹ Cf. *ibidem*, p. 275.

⁶⁷⁰ Cf. Leonardo Coimbra, «Sobre a Saudade», in *Obras Completa*, vol. V, tomo II, p. 333.

⁶⁷¹ Cf. Manuel Cândido Pimentel, «Da Saudade em Deus», in *Cadernos Vianenses*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, tomo 34 (2004), p. 89.

correspondente ao nível temporal da condição humana, pelo exílio da vida mortal, e a *saudade satisfeita* que, sem deixar de ser saudade, mantém no estado glorioso da vida eterna a consciência dos laços amorosos que ligam os seres à plenitude da Graça divina⁶⁷².

De modo distinto, António Dias de Magalhães associa a saudade à condição temporal da Criação e explica que nesse sentimento o Ser manifesta-se não apenas como Ideia, mas como realidade capaz de satisfazer a inteligência e a vontade. Uma realidade que é imanente, porque a sentimos na saudade, e que é transcendente, porque nos sentimos saudade⁶⁷³. De igual maneira, no sentimento da saudade dá-se o feliz encontro do conhecimento e do amor e dá-se a consciência do ser como espírito. O homem faz a experiência de querer possuir-se, entrevendo que só o satisfará a unidade do ser, do querer e do conhecer na harmonia espiritual do bem e da beleza. Na passagem do implícito e espontâneo do saber por conaturalidade ao explícito e reflexo do saber filosófico, que confirma a inadequação entre o ser e o conhecer, o ser espiritual dá conta da sua imperfeição e nesse reconhecimento e explicação transcende-a, alcançando a consciência da experiência metafísica que já antes era, mas de forma atemática: «Na reflexão se descobre, de facto, o carácter metafísico da experiência da saudade e se justifica o ser e o conhecer, Deus, o homem e o mundo»⁶⁷⁴.

A consciência metafísica do ser enquanto ser, que é apreendida na experiência concreta e vital da saudade, em que o homem experimenta a sua insatisfação e aspiração de plenitude, exige a afirmação noética e pneumática do Ser necessário ou Deus, não no mero sentido abstrato de incondicionado absoluto e de perfeição plena, mas no sentido religioso e teológico de Deus que é consciência pessoal e puro Amor: «O Ser necessário aparece como puro amar *adorável*, no sentido originário da palavra: Ser pessoal, que nos atrai ao beijo do amor, à aceitação plena»⁶⁷⁵.

6.3. Da experiência atemática do mistério à teologia filosófica da salvação universal em Álvaro Ribeiro

Samuel Dimas

6.3.1. A experiência atemática do Mistério como ponto de partida para

⁶⁷² Cf. *ibidem*, p. 92.

⁶⁷³ António Dias de Magalhães, «Da História à Metafísica da Saudade», in *Saudade e Ser*, in Afonso Botelho e António Braz Teixeira (organização), *Filosofia da Saudade*, p. 276.

⁶⁷⁴ Cf. *ibidem*, p. 279

⁶⁷⁵ Cf. *ibidem*, p. 281.